



INFÂNCIA E HISTÓRIA: A CRIANÇA NA MODERNIDADE E NA CONTEMPORANEIDADE

Juliara Dias dos Santos – juliarasantos2011@hotmail.com

Universidade Estadual do Paraná (Unespar), Paranavaí, Paraná, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-8690-4972>

Adão Aparecido Molina – adaoamolina@gmail.com

Universidade Estadual do Paraná (Unespar), Paranavaí, Paraná, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-9633-4707>

RESUMO: Este texto realiza uma discussão sobre a infância explicando como a criança foi percebida na história caracterizando o aparecimento da infância, por intermédio dos postulados de estudiosos como Philippe Ariès (1914-1984) e Neil Postman (1931-2003), ao seu atual desaparecimento, segundo esse último autor. O objetivo do estudo é mostrar que a infância é uma construção histórica que surgiu no século XVII, consolidando-se a partir Idade Moderna até o século XIX e está desaparecendo da contemporaneidade. Assim, o estudo retoma o contexto histórico para uma melhor compreensão da infância em cada período, nas visões dos autores supracitados, passando pelo criador dos Jardins de infância Friedrich Froebel (1782-1852), quando a concepção de infância está consolidada no século XIX. A metodologia utilizada foi a de revisão bibliográfica, com enfoque crítico. Postman (1999) não fornece soluções para o problema do desaparecimento da infância na contemporaneidade, no entanto, realiza um interessante estudo dos motivos pelos quais a infância está sendo reprimida; motivos estes que são apresentados e discutidos no decorrer deste estudo.

PALAVRAS-CHAVE: História; Infância; Educação.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo enfoca como tema a infância na história apontando a criança da modernidade à contemporaneidade, com objetivo de mostrar que o conceito de infância é uma construção histórica que se constituiu no início da Modernidade até se consolidar junto com a sociedade burguesa. Além disso, o trabalho explicita o aparecimento da infância e investiga como a infância é tratada na atualidade.

Assim, justifica-se tal estudo pelo fato de que a infância só pode ser compreendida dentro de um contexto socioeconômico e político, a partir das relações que os homens estabelecem entre si para a produção e a reprodução da sua vida material em cada período histórico.

O texto está organizado em dois momentos: primeiro apresenta uma discussão sobre o período de transição e a forma de organização da sociedade na mudança do Feudalismo para o Capitalismo, inserindo a criança e a infância nesse contexto. Depois a criança na contemporaneidade que, segundo Neil Postman (1999), aproxima-se novamente do adulto e, em função disso, conforme escreve o autor, a infância está desaparecendo nos dias atuais.

A metodologia utilizada foi a de revisão bibliográfica, de natureza qualitativa com enfoque crítico (LARA; MOLINA, 2011). A pesquisa está ancorada na análise e na interpretação de textos de livros, teses, monografias, periódicos, web sites, entre outros. Sobre a história da infância foram realizados estudos bibliográficos com os principais autores que discutem o tema em questão, Ariès (2006) e Postman (1999).

2 A INFÂNCIA NA HISTÓRIA

A infância, assim como a educação, não pode ser compreendida fora de um contexto socioeconômico e político no qual os homens estabelecem entre si as relações de produção e de reprodução da sua vida material, em diferentes períodos históricos.

É a partir dessa forma de organização que os homens produzem, também, as suas próprias estruturas jurídicas e políticas e todas as formas de ideias e representações sociais, necessárias para a manutenção da ordem social. Em função disso, a infância é, também, uma forma de representação, uma construção social, que se firmou ao longo da história como meio de atribuir à criança cuidados diferenciados e educação, separando as crianças do mundo dos adultos.

Todavia, quando se afirma que a infância é fruto das transformações sociais historicamente constituídas, é necessário explicar quais foram essas transformações que aconteceram ao longo da história e qual o período característico dessas transformações, para assim entendermos a infância.

Por essa razão, o objetivo desta seção é mostrar como a infância se constituiu ao longo da história, tendo como base o período de transição do feudalismo para o capitalismo e o início da Idade Moderna, por volta do século XVII, período que, na visão de Ariès (2006), caracteriza o aparecimento da infância.

Sobre a história da infância, ou mais especificamente sobre o aparecimento da infância, temos duas vertentes, a primeira explicada pelo escritor francês Philippe Ariès (1914-1984), cuja concepção de História encontra-se apoiada na linha da História das mentalidades, a obra pioneira e que representa esse segmento é a “História Social da Família e da criança” escrita em 1960.

A segunda vertente está apoiada na teoria do escritor norte americano Neil Postman (1931-2003). Esse escritor discute sobre mídia e educação e em sua obra denominada “O desaparecimento da infância” fala sobre o aparecimento da infância no século XVI e o seu possível desaparecimento no século XX.

Destarte, para entendermos o surgimento da infância, nos remetemos primeiro aos postulados do escritor francês Ariès (2006), estabelecendo uma relação das informações encontradas em sua obra com informações de outros autores sobre o contexto histórico do período para, assim, visualizarmos a criança e a infância na história.

3 O APARECIMENTO DA INFÂNCIA SEGUNDO ARIÈS

A infância nem sempre existiu da maneira como a conhecemos hoje, determinando uma etapa específica da vida da criança. Sobre essa questão, Ariès (2006, p. 18) afirma: “Os homens dos séculos X-XI não se detinham diante da imagem da infância, porque esta não tinha para eles interesse, nem mesmo realidade.” Segundo o referido estudioso, a descoberta da infância começou no século XIII, como um sentimento de infância e evoluiu nos séculos seguintes. Mas o seu desenvolvimento tornou-se significativo durante o século XVII.

Na Idade Média, o modo de produção era o Feudalismo, a família era consanguínea, não havendo espaço para a criança. Os feudos eram autossuficientes, com a economia voltada para a subsistência do grupo. Assim, não havia cidades, conseqüentemente, não havia trocas nem dinheiro.

Conforme explicam Pereira e Gioia (1999), nos séculos XV e XVI na Europa ocorreu de forma gradativa a substituição da descentralização feudal pela formação de Estados nacionais unificados e pela centralização do poder, com a formação das monarquias absolutas. Esse período também se caracteriza pelas expedições marítimas, o descobrimento da América, as colonizações, a escravidão.

Não obstante, a partir dos séculos XV e XVIII, após vários acontecimentos, como: o Renascimento das ciências e das artes, a valorização do humano e o retorno ao pensamento dos clássicos da Antiguidade, como forma de retomada à valorização da razão, há uma luta para derrubar o antigo regime e uma busca pela melhoria da qualidade de vida. Também nesse período, a Reforma Protestante destaca-se entre os fatores que marcaram o início do capitalismo, quando o comércio se expande e os homens tornam-se livres.

Segundo Pereira e Gioia (1999) os séculos XVII e XVIII são caracterizados pela grande expansão industrial, graças à existência de capital acumulado e de uma classe trabalhadora livre e sem propriedades. O homem tornou-se, nesse período, a preocupação central, valorizando-se sua capacidade de transformar a realidade.

Por conseguinte, na Idade Média a criança era tratada como adulto em miniatura, não havendo diferenciação entre ela e o adulto. Apenas a partir do século XVII, com o advento da modernidade, caracterizada pelo desenvolvimento do capitalismo e pelo comércio, com o modelo da nova família burguesa e da sociedade do indivíduo é que alguns pensadores começaram a refletir sobre a educação da criança, caracterizando, dessa maneira, a existência da infância.

Ariès (2006, p. 18) realizou um estudo iconográfico mostrando que a criança praticamente não aparece nas pinturas da Idade Média. Em sua percepção, as crianças são caracterizadas pelo

sagrado e pelo divino com forte conotação religiosa e sua imagem é distorcida, pois aparecem fortes, musculosas e nem parecem crianças. Então ele registra o seguinte: “No mundo das fórmulas românicas, e até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido”.

O que é possível perceber, seguindo os registros desse autor, é que durante os séculos XV e XVI, as crianças ainda não são representadas como infantes. O autor afirma que, somente no século XVII elas começam a aparecer sozinhas ou em grupos e passam a ser representadas por elas mesmas e não mais como “adultos em miniaturas”.

Durante o período do Renascimento, elas aparecem nas pinturas com motivos greco-romano, caracterizando ora o sagrado, ora o profano, algumas vezes como anjos e outras vezes nuas. Sobre essa questão, Ariès (2006, p. 17) ainda reforça a visão que se tinha da criança, apontando que: “O pintor não hesitava em dar à nudez das crianças, nos raríssimos casos em que era exposta, a musculatura do adulto”.

Assim, os três principais modelos de crianças representadas foram, primeiramente, o anjo: “Por volta do século XIII, [...] surgiu o anjo, representado sob a aparência de um rapaz muito jovem, de um jovem adolescente” (ARIÈS, 2006, p. 18). O segundo tipo de criança representado na pintura nesse período foi o Menino Jesus, ou Nossa Senhora menina. O terceiro tipo caracteriza a fase gótica, onde as crianças aparecem nuas. “Na arte medieval francesa, a alma era representada por uma criancinha nua e em geral assexuada” (ARIÈS, 2006, p. 19).

Nos séculos XV e XVI, destaca-se uma iconografia leiga, porém, a criança ainda não é representada sozinha, o marco é que ela se tornou uma das personagens, ou seja, aparece com sua família, na multidão, brincando, nos jogos com os adultos, na escola, entre outros.

No século XV, surgiram duas formas de representar a infância, as crianças maiores e o *putto* que era um bebê de colo e se distinguia dos maiores pela aparência. Nas efígies funerárias, a criança só aparece no século XVI, porque até então, a infância não tinha importância, não havendo porque fixá-la na lembrança. Devido à alta taxa de mortalidade infantil, a família não podia se apegar muito a elas, já que era comum perder a criança ainda muito pequena.

A partir do século XVII, criou-se o hábito de retratar o aspecto fugaz da infância por meio da pintura. Nesse período, portanto, a criança passou a ser representada sozinha nas telas, caracterizando, desse modo, uma forma de representação da infância. Ariès destaca os pintores mais famosos do período: Rubens (1577-1640), Van Dyck (1599-1641), Franz Hals (1580-1666), Philippe de Champaigne (1602-1674) e os Irmãos Le Nain durante o Século XVII.

Assim sendo, nota-se no século XVII o surgimento de uma sensibilidade com relação às crianças, que foi denominada por Ariès (2006) como um sentimento de infância.

Vale registrar que, segundo a visão do autor, o século XVII foi marcante quanto à evolução dos temas da primeira infância. Tornou-se comum, nesse período, as crianças aparecerem sozinhas nas pinturas, os retratos de família se organizavam em torno delas, as crianças se beijando, se abraçando e animando os adultos a sua volta. Também apareciam lendo, desenhando e brincando. Esse fato pode ser evidenciado com a seguinte afirmação de Ariès (2006, p. 9):

Primeiro, a idade dos brinquedos: as crianças brincam com um cavalo de pau, uma boneca, um pequeno moinho ou pássaros amarrados. Depois, a idade da escola: os meninos aprendem a ler ou seguram um livro e um estojo; as meninas aprendem a fiar.

Dessa perspectiva entende-se que, para Ariès (2006), a criança começou a ser percebida no século XIII, evoluindo na iconografia nos séculos XV e XVI. Mas é durante o século XVII que a iconografia relacionada à infância tornou-se amplamente desenvolvida. Tal fato caracteriza esse período como sendo o marco para o aparecimento da infância.

Esse sentimento em relação à criança foi se consolidando aos poucos, no decorrer dos séculos seguintes, até se consolidar no conceito de infância propriamente dito, a partir do século XIX. Nesse período aconteceram mudanças muito significativas nas condições demográficas, melhorando a qualidade de vida das pessoas, especialmente das crianças. Surgiram, também nesse período, a vacinação e a prática da higiene, que foram as grandes responsáveis, a partir de então, por reduzir o índice de mortalidade infantil.

4 O APARECIMENTO DA INFÂNCIA, SEGUNDO NEIL POSTMAN

Os gregos não davam muita importância à infância. Sabe-se que nenhuma criança aparece em suas estátuas remanescentes. No entanto, eles consideraram relevante a educação, inventando a ideia de escola. Isso não quer dizer que sua ideia de infância seja equivalente à atual, os gregos apenas realizaram um prenúncio da descoberta da infância dois mil anos depois.

Já os romanos, além da escolarização, apresentaram uma arte que revelava a criança pequena e em crescimento. Quintiliano (35 d.C. - 95 d.C.) foi um orador e professor de retórica romano que defendia a ideia de que a criança deveria ser protegida dos segredos dos adultos, necessitando de proteção e de cuidados especiais, além de escolarização.

Com a Idade Média desapareceu a capacidade de ler e de escrever, a educação, a vergonha e, por consequência, a infância. Quanto ao desaparecimento da capacidade de ler e de escrever, além de as fontes de fornecimento de papiro e pergaminho se tornarem escassas, interessava à Igreja tornar restrito, também, o acesso à alfabetização. Dessa forma, os escribas eram os únicos em posse dos segredos intelectuais (POSTMAN, 1999).

Nesse período, a infância termina aos sete anos, pois é nesta idade que as crianças dominam a palavra, podendo compreender o que os adultos dizem. Assim, o modo de aprender é o da oralidade, inexistindo o conceito de uma educação letrada. Sobre esse fato Postman (1999, p. 29) revela: “[...] no mundo medieval não havia nenhuma concepção de desenvolvimento infantil, nenhuma concepção de pré-requisitos de aprendizagem sequencial, nenhuma concepção de escolarização como preparação para o mundo adulto”.

Também não havia o conceito de vergonha como se conhece hoje. A criança tinha acesso a quase todas as formas de comportamento da cultura da Idade Média. “Tudo era permitido na presença delas: linguagem vulgar, situações e cenas escabrosas; elas já tinham visto e ouvido tudo” (PÈRE DE DAINVILLE apud POSTMAN, 1999, p. 31).

Destarte, a infância não existiu na Idade Média devido à falta de alfabetização, de educação e de vergonha. Além desses fatores, vale ressaltar a alta taxa de mortalidade infantil, ou seja, os casais tinham muitos filhos na esperança de que dois ou três sobrevivessem.

Postman (1999, p. 32) conclui que no mundo medieval a criança era invisível, não havendo um período de transição entre infância e fase adulta, pois assim que a infância terminava aos sete anos, já se dava início à fase adulta: “[...] as pinturas coerentemente retratavam as crianças como adultos em miniatura, pois logo que as crianças deixavam de usar cueiros, vestiam-se exatamente como outros homens e mulheres de sua classe social”.

Com a invenção da prensa tipográfica, por volta de 1439, houve a separação entre os mundos da infância e do adulto. Através dos escritos impressos, criou-se a ideia de individualidade. Postman (1999) explicita que alguém cria uma máquina para uma finalidade, mas uma vez construída a máquina, descobre-se que ela tem ideias próprias, capaz de mudar hábitos e de alterar o feitio mental do indivíduo.

Quanto à prensa de Gutenberg (1398-1468), a Europa estava pronta para recebê-la, uma vez que possuía um sistema de escrita alfabética e um riquíssimo acervo de manuscritos. Além disso, houve necessidade de demanda por notícias, contratos, escrituras e mapas devido à expansão do comércio e à era da exploração.

Com o invento, a leitura tornou-se fundamental ao invés da oralidade. Se antes as pessoas se reuniam para acompanhar um único indivíduo que lia, agora o leitor torna-se isolado e com um olhar pessoal, transformando a leitura em um ato antissocial. Como consequência, o individualismo tornou-se uma condição psicológica normal e aceitável.

Conforme assevera Postman (1999, p. 42) “[...] este senso exacerbado do eu foi a semente que levou por fim ao florescimento da infância”. Dessa forma, os jovens para tornarem-se adultos

precisavam aprender a ler, ou seja, precisavam de educação. Para isso, a civilização europeia reinventou as escolas, transformando a infância em uma necessidade social.

Nos séculos XVI e XVII, enquanto o catolicismo continuou a ser uma religião da imagem, o protestantismo desenvolveu-se como a religião do livro, explorando os recursos provenientes da tipografia. Países como Inglaterra e França destacaram-se como as sociedades mais alfabetizadas da época. As crianças não seriam mais consideradas como “adultos em miniatura”, mas sim adultos ainda não formados, pois seriam instruídas e formadas pela escola.

A infância tornou-se uma categoria social e intelectual, com seus estágios visíveis. O vestuário infantil e a linguagem pueril diferenciam-se dos adultos. Vale ressaltar, também, que a literatura infantil apareceu nesse contexto. É relevante salientar que a infância surgiu como uma ideia de classe média, uma vez que a melhora na condição econômica propiciou uma consciência quanto à valorização das crianças pelos adultos.

No final do século XVI, com o novo conceito de família organizada em torno da escolarização, promoveu-se a necessidade de separar os comportamentos em privados e públicos. Quanto a esse fato, Postman (1999, p. 63) afirma:

[...] quando o conceito de infância se desenvolveu, a sociedade começou a colecionar um rico acervo de segredos a serem ocultados dos jovens, segredos sobre relações sexuais, mas também sobre dinheiro, sobre violência, sobre doença, sobre morte, sobre relações sociais.

Incutia-se, desse modo, nos jovens um sentimento de vergonha. Nesse período, Erasmo de Roterdã¹ (1466-1536), por exemplo, escreveu sobre como os jovens deveriam se comportar em público. Sua preocupação era preparar os jovens para aprenderem a conviver com os outros, viverem juntos numa sociedade que se constituía como a sociedade dos negócios, a nova sociedade do comércio.

Da mesma maneira, vários estudiosos nos séculos subsequentes, pensaram a educação da criança, tais como: Locke² (1632-1704), Rousseau³ (1712-1778) e Froebel (1782-1852) entre outros.

¹ Erasmo de Roterdã foi um humanista e filósofo holandês, crítico do dogma católico romano e da imoralidade do clero. Ver mais em: ROTTERDAM, E. **De Pueris (Dos Meninos); A Civilidade Pueril**. Tradução, Introdução e Notas de Luiz Feracine. 2. ed. São Paulo: Escala, 2008.

² O inglês John Locke (1632-1704), no século XVII, expôs a ideia de que ao nascer a mente da criança era como uma tábula rasa, ou uma folha em branco. Assim, cabia à família e aos professores e mais tarde também ao governo, a responsabilidade do que seria incutido na mente pueril. Veja-se: LOCKE, John. **Pensamientos acerca de la educación**. Barcelona: Editorial Humanitas, 1982.

³ Rousseau (1712-1778) acreditava que a criança era importante em si mesma, e não como um meio para um fim. Além disso, valorizava a vida intelectual e emocional da criança, dizendo que a infância é o estágio da vida no qual o homem mais se aproxima do “estado de natureza”. As virtudes infantis como espontaneidade, pureza e alegria, deveriam ser cultivadas e cultuadas. Veja-se: ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

Esses pensadores visavam a uma formação humana necessária para atender às necessidades surgidas a partir das relações sociais e das forças produtivas, utilizadas para a manutenção da vida material daquele período.

No século XVIII, com a industrialização, as crianças (filhas dos pobres) tornaram-se mão de obra barata como trabalhadoras nas fábricas e minas de carvão. No entanto, as classes média e alta mantiveram a ideia da infância, disseminando-a. O movimento do Iluminismo⁴ também foi responsável por difundir a infância.

No século XIX, quanto aos debates sobre infância, destacam-se os estudiosos Sigmund Freud (1856-1939) e John Dewey (1859-1952). Freud sustentava que há uma estrutura e um conteúdo especial na mente da criança, ou seja, a mente se aproxima de um “estado de natureza”, sendo as primeiras interações entre a criança e os pais decisivas para determinar o adulto que a criança será.

Postman (1999) afirma que Dewey acreditava que as necessidades psíquicas da criança deveriam ser atendidas em função do que a criança é, e não do que será, pois só assim ela se tornaria um participante construtivo na comunidade da qual faz parte. Sobre esses autores Postman (1999, p. 77) explicita:

Freud e Dewey cristalizaram o paradigma básico da infância que vinha se formando [...] a criança como aluno ou aluna cujo ego e individualidade devem ser preservados por cuidados especiais, cuja aptidão para o autocontrole, a satisfação adiada e o pensamento lógico devem ser ampliados, cujo conhecimento da vida deve estar sob o controle dos adultos. Ao mesmo tempo, contudo, a criança é entendida como detentora de suas próprias regras de desenvolvimento e de um encanto, curiosidade e exuberância que não devem ser sufocados.

Esse é um período no qual a criança ganha relevância, com a nítida separação entre a idade adulta e a infância. Porém, com a invenção do telégrafo, torna-se evidente o início do desaparecimento da infância, tema este que será discutido na sessão sobre “O desaparecimento da infância: a criança na contemporaneidade”.

5 FROEBEL E A EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA NO SÉCULO XIX

No século XIX, sobre a educação da infância, destaca-se como importante o alemão Friedrich Froebel (1782-1852), por ser um dos primeiros educadores a preocupar-se com a

⁴ O Iluminismo foi um movimento cultural da elite intelectual europeia do século XVIII que procurou mobilizar o poder da razão em oposição às crenças religiosas da Idade Média. Ver mais a esse respeito em: OLIVEIRA, Terezinha. **Luzes sobre a Idade Média**. Maringá: EDUEM, 2002.

educação das crianças pequenas, sendo o criador dos Jardins de Infância, ou como foi por ele chamado, *Kindergarten*, isto é, *Kind* significa criança e *Garten* significa jardim.

Esse período foi marcado pelo poder político conquistado pela burguesia. Marx (1980) escreve uma teoria sociológica mostrando as relações de trabalho entre burgueses e proletários, criticando as relações de produção e o poder político, mostrando como os burgueses enriqueceram às custas da exploração do proletariado. Disso decorre que a política é um mecanismo que controla e administra a totalidade social, a partir das condições materiais e econômicas que estão postas pela divisão social do trabalho.

É nesse contexto de uma sociedade, já determinada pelas relações sociais de produção, que Froebel apresenta sua concepção de homem, considerando a tríade Deus, natureza e homem. Em sua visão, a educação deveria seguir as leis de Deus e da natureza. Influenciado pelo pai que era pastor, Froebel incorporou a religiosidade laica do protestantismo como base para a formação do indivíduo na sociedade capitalista.

Esse estudioso alemão recebeu influência de Schelling (1775-1854) e Krause (1781-1832). O primeiro acreditava que a natureza era obra perfeita do espírito de Deus, constituindo unidades indissolúveis. O segundo uniu a concepção de natureza com a educação. Assim sendo, Froebel acreditava que a criança deve aprender a conhecer a natureza, para naturalmente harmonizar-se com o espírito divino.

Froebel defendeu que as crianças precisam ser educadas desde cedo, para que o seu futuro fosse mais bem sucedido nessa sociedade do indivíduo, a sociedade do trabalho. Mas esse educar na primeira infância ocorreria de forma espontânea, partindo do que a criança já sabia. Sobre a concepção educacional do autor, Arce (2002, p. 55) exemplifica:

As montanhas, colinas, rios serviam para o aprendizado da geografia, os insetos e as árvores para o de ciências naturais, o conhecimento necessariamente tinha que ter origem em algo que as crianças conhecessem e sobre o que elas pudessem agir, manuseando, caminhando, modelando, etc.

Valer lembrar que Froebel valorizava o específico da primeira infância, como o jogo, as artes plásticas, o desenho, a pintura; ou seja, fontes de exteriorização, assim, o conhecimento é descoberto pela criança de forma natural. Os brinquedos ou materiais educativos são denominados de “dons”, pois seriam ferramentas para auxiliar as crianças a descobrirem seus próprios dons.

Nessa acepção do autor, valoriza-se sobremaneira o aprender a aprender, como também os talentos individuais de cada criança, sendo o próprio aluno o foco de todo o processo educacional. Nota-se, portanto, que essas ideias educacionais serão relacionadas, posteriormente, à novas teorias

educacionais, que serão ressignificadas, a partir do início do século XX, como o escolanovismo⁵ e, logo após a segunda metade do século XX, como nova teoria educacional, como é o caso do construtivismo⁶, cujos fundamentos foram antecipados por Froebel. Para o referido estudioso, as crianças são como flores e as professoras são as jardineiras. Ele destaca o papel da mulher, o papel de mãe, de cuidar e educar na primeira infância, sendo a mulher uma educadora nata.

Além disso, na visão desse autor, o professor é apenas um observador do conhecimento do aluno, é só fará a intervenção para desenvolvê-lo, quando for necessário. Quanto a esse aspecto Arce (2002, p.47) afirma: “Só assim o professor será capaz de conhecer realmente seu aluno, entendendo sua dinâmica interna e descobrindo sua essência humana, seu potencial, seu talento.” O professor interfere o mínimo possível, sendo que o modelo perfeito a ser seguido seria Jesus, por reunir o divino, o humano e natural. Além disso, o professor seria o orientador do educando para uma vida pura e santa. A educação deveria seguir um livre desenvolvimento, respeitando a manifestação espontânea do educando.

Desse modo, Froebel inaugurou um novo pensamento dentro da linha romântica, em busca de uma sociedade mais humana e mais justa. Ele opõe-se à educação tradicional, aos castigos, considerando três pontos fundamentais na educação da criança pequena, a saber: união entre Deus, homem e natureza; preservar a liberdade individual; a ação e a atividade, preservando a essência divina na criança.

6 O DESAPARECIMENTO DA INFÂNCIA SEGUNDO POSTMAN: A CRIANÇA NA CONTEMPORANEIDADE

O objetivo desta seção é mostrar que da mesma maneira pela qual a criança se separou do mundo do adulto na Idade Moderna, há uma aproximação de ambos na contemporaneidade. Para tanto nos utilizamos dos postulados de Postman (1999) que explica essa aproximação.

Postman (1999) considera o período entre 1850 a 1950 o auge da infância nos Estados Unidos. No entanto, segundo ele, ao mesmo tempo, dá-se o início de seu declínio, devido à

⁵ O escolanovismo considera que a educação segue um ritmo variado, determinado pelas diferenças individuais. Pressupõe métodos sofisticados, escolas bem equipadas, menor número de alunos em sala, espaço escolar agradável, e professores os quais estimulam a iniciativa por parte dos alunos. Os principais representantes da Pedagogia Escolanovista são Dewey (1859-1952); Montessori (1870-1952); Roger (1902-1987). Veja-se: SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. São Paulo: Autores Associados, 1992.

⁶ O construtivismo tem origem na epistemologia genética de Jean Piaget (1896-1980). Vale ressaltar as pesquisas realizadas por Emília Ferrero (1936-) e Ana Teberosky (1944-), as quais acreditam que o professor deve criar situações potencializadoras para o desenvolvimento da alfabetização. Assim, o construtivismo é uma concepção teórica que parte do princípio de que o desenvolvimento da inteligência é determinado pelas ações mútuas entre o indivíduo e o meio. O homem responde aos estímulos externos agindo sobre eles para organizar o seu próprio conhecimento, de forma cada vez mais elaborada. Veja-se: LOPES, Josiane. Afinal, o que é Construtivismo? **Revista Nova Escola**. Rio de Janeiro. n. 139, jan./fev. de 2001.

invenção do telégrafo pelo professor Samuel Finley Breese Morse⁷. O telégrafo elétrico rompe o vínculo histórico entre transporte e comunicação, levando os indivíduos a um mundo de simultaneidade e instantaneidade para além da experiência humana. Assim, o telégrafo inicia um processo que torna a informação incontrollável, alterando o tipo de informação a que as crianças podiam ter acesso, sua qualidade, sua quantidade, sua sequência, e as circunstâncias as quais vivenciariam.

O telégrafo foi um prenúncio das invenções que ainda surgiriam, como a prensa rotativa, a máquina fotográfica, o telefone, o fonógrafo, o cinema, o rádio, a televisão. Dessa forma, as revoluções eletrônica e gráfica vinham contra à linguagem e à leitura, transformando ideias em ícones e imagens instantaneamente. “As imagens [...] solicitam nossas emoções, não a nossa razão. Pedem que sintamos, não que pensemos” (POSTMAN, 1999, p. 87).

Em 1950, quando a televisão se instalou efetivamente dentro das casas americanas, começa gradativamente a desaparecer a linha divisória entre infância e idade adulta, devido primeiramente à acessibilidade da informação, ou seja, assistir à TV não requer habilidades, não faz exigências à mente nem ao comportamento, e por fim, não segrega os telespectadores. Desse modo, se as crianças possuem acesso ilimitado ao conteúdo exibido pela televisão, não é possível haver infância. (POSTMAN, 1999).

Além disso, a televisão revela segredos antes guardados cuidadosamente pelos adultos, uma vez que a informação torna-se incontrollável, família e escola perdem a sua função de reguladores do desenvolvimento da criança. Os segredos revelados estão relacionados à violência, ao sexo, às doenças, à morte, ao homossexualismo, ao consumismo, dentre outros. Devido a esses fatos, as crianças tornaram-se semelhantes aos adultos, “[...] ao ter acesso ao fruto, antes escondido da informação adulta, são expulsas do jardim da infância” (POSTMAN, 1999, p. 111).

Postman (1999, p. 111) divide as etapas da vida em três fases, a saber: recém-nascidos, adulto-criança e senis. Assim, há uma fusão entre as etapas da infância e da fase adulta, já que não há mais diferenciação entre as duas etapas. “[...] nunca, desde a Idade Média, as crianças souberam tanto sobre a vida adulta como agora”. O autor considera que sem um conceito claro do que significa ser adulto, não é possível haver um conceito do que é ser criança. Além disso, afirma que o atual ambiente informacional elétrico é o motivo pelo desaparecimento da idade adulta.

⁷ O professor americano Samuel Finley Breese Morse (1791-1872), da Universidade de Nova York, ficou famoso por suas seguintes invenções: o código morse e o telégrafo com fios, em 1843. Morse foi responsável pela primeira mensagem elétrica pública “O que Deus fez?”. Em uma viagem a bordo do navio Sully, em 1832, Morse tomou conhecimento de que a eletricidade podia ser enviada instantaneamente ao longo de um arame. Veja-se: POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

Esse autor sustenta a premissa de que a televisão trivializa a ideia do Homem Político disseminando a diferença entre a compreensão do adulto e da criança. Considera que os noticiários, aos quais denomina “show de notícias” alteram o significado do julgamento político, e os comerciais alteram o sentido de consumo e religiosidade. Conclui que é o caráter do veículo televisão que produz o adulto-criança.

A televisão é o primeiro verdadeiro teatro de massas, não só pelo vasto número de pessoas que alcança, mas também porque quase tudo na televisão toma a forma de uma narrativa, não de uma argumentação ou de uma sequência de ideias (POSTMAN, 1999, p. 128).

Em sua visão, a política, a notícia, o comércio e a religião tornam-se “historietas”, a era da televisão transforma-se em Era da Narração ou Era do *Show Business*. Assim, a televisão tornou desnecessária a distinção entre crianças e adultos, uma vez que homogeneizou suas mentalidades.

Não obstante, para ele as evidências do desaparecimento da infância vêm através dos meios de comunicação, através da fusão do gosto e estilo de crianças e adultos, também através de instituições sociais como o direito, as escolas e os esportes, além da estatística que aproxima crianças e adultos quanto ao alcoolismo, uso de drogas, atividade sexual, criminalidade, entre outros.

Postman (1999) afirma que as crianças praticamente desapareceram da mídia, principalmente da televisão, e quando aparecem imitam o adulto quanto à vestimenta, linguagem, e sexualidade. Assim, o modelo tradicional de infância desaparece da televisão. Esse fato ocorre também no cinema, na literatura infantil, na música, dentre outros seguimentos.

Os hábitos alimentares de adultos e de crianças também se tornam os mesmos, com a refeição ligeira e de má qualidade, os famosos *junk-food*. Outro exemplo, segundo o autor, são os jogos infantis, que se tornaram profissionalizados, preocupação dos adultos. A linguagem dos adultos e das crianças também se aproximam, uma vez que os “palavrões”, geralmente ditos pelos adultos, são livremente utilizados pelas crianças.

Ele expõe ainda que, cada vez mais crianças de dez a treze anos se envolvem em crimes brutais. Nas leis de seu país, a legislação também aproxima ou iguala o tratamento da criança infratora ao do adulto e a agressão contra crianças também tem aumentado, pois elas são surradas porque não são mais percebidas como crianças.

A atividade sexual é outro exemplo que, segundo ele, inicia-se cada vez mais cedo. A consequência é o aumento da gravidez na adolescência, além do alto índice de adolescentes com doenças venéreas. Outro fator agravante é que o consumo de drogas e o alcoolismo também acometem os jovens.

Nota-se, portanto, a partir da argumentação do autor, uma aproximação crescente das atividades entre adultos e crianças. Se suas atitudes são semelhantes, não há porque separá-los em classes distintas. É por isso que, segundo ele, a infância está sendo reprimida na atualidade, ou usando seu próprio termo, a infância está desaparecendo da sociedade contemporânea.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo realizado sobre a infância na história, analisando a criança de um ponto de vista histórico, é possível perceber que a infância é um constructo histórico que ao longo do tempo, se constituiu junto com a forma de organização da sociedade burguesa.

Nos tempos atuais, a criança acaba perdendo sua infância, pois, cada vez mais cedo, manuseia celulares, videogames, computadores, trocando as brincadeiras de rua pelo sedentarismo em frente à televisão, tornando-se, muitas vezes, obesa, deprimida, e até mesmo agressiva.

Hoje, também, muitas crianças antecipam sua vida adulta partilhando de algumas responsabilidades, pois desde cedo estão repletas de compromissos como, por exemplo: aulas de inglês, balé, violão, natação, dentre outras. Por conseguinte, com tantas atividades, não lhe sobra tempo para as brincadeiras comuns da infância, como pular amarelinha, soltar pipa, brincar de pega-pega, pular corda, etc.

É preciso, portanto, questionar: o que fazer para que a criança de hoje não perca a sua infância? Esse quadro pode ser revertido por intermédio de um trabalho em conjunto com a família, a escola e o Estado. Os pais devem impor limites quanto aos horários para assistirem televisão, jogar videogame, dentre outras coisas que elas costumam fazer.

A escola, por sua vez, pode incentivar as crianças por meio de brincadeiras, de contação de histórias, desenvolvendo o seu gosto pela leitura, pelos esportes, entre outras atividades. Por fim, o Estado deve incentivar a Cultura e a Educação, fornecendo mais recursos às escolas e à população, para, assim, criar o interesse da criança por outras atividades, fazendo-a aproveitar sua infância.

O autor afirma não trazer soluções para o problema do qual discute em seu livro, ou seja, o desaparecimento da infância, mas no último capítulo faz a seguinte declaração, que vem ao encontro daquilo que se discutiu no parágrafo anterior, quanto ao que se fazer sobre o acesso da criança aos eletrônicos em geral e em especial àquilo que as mídias veiculam livremente:

A primeira é limitar o tempo de exposição das crianças à mídia. A segunda é monitorar cuidadosamente aquilo a que estão expostas e fornecer-lhes continuamente uma crítica corrente dos temas e valores do conteúdo da mídia.

Ambas são muito difíceis de fazer e requerem um nível de atenção que a maioria dos pais não está disposta a dar à criação dos filhos (POSTMAN, 1999, p. 167).

Vale destacar que, segundo o autor, a mídia reduziu o vínculo da família com as crianças e jovens quanto à transmissão de valores. Os princípios perpassados pela televisão são carregados de intenções como o consumismo, e visam ao lucro. Além disso, os pais, ao invés de limitar o tempo que as crianças assistem à TV e monitorar o que assistem, preferem deixá-las à vontade, uma vez que a televisão funciona como uma babá eletrônica.

Conclui-se, assim, que a infância como estrutura social não existiu na Idade Média, surgiu no século XVI e, conforme Postman (1999), está desaparecendo da contemporaneidade, graças ao atual ambiente informacional na qual está inserida, que é o responsável por reprimi-la. Portanto, se um ambiente social não necessita da segregação entre crianças e adultos, não há necessidade de existir infância.

8 REFERÊNCIAS

ARCE, Alessandra. **Friedrich Froebel: o pedagogo dos jardins de infância**. Petrópolis: Vozes, 2002.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de: *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

LOCKE, John. **Pensamientos acerca de la educación**. Barcelona: Editorial Humanitas, 1982.

LARA, A. M. B. ; MOLINA, Adão Aparecido. Pesquisa Qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias. In: Cêzar de Alencar Arnaut de Toledo; Maria Teresa Claro Gonzaga. (Org.). **Metodologia e Técnicas de Pesquisa nas Áreas de Ciências Humanas**. Maringá: Eduem, 2011. p. 121-172.

LOPES, Josiane. Afinal, o que é Construtivismo? **Revista Nova Escola**. Rio de Janeiro. n. 139, jan./fev. de 2001.

MARX, K. A chamada acumulação primitiva. In: MARX, K. A. **O capital**. 7. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1980.

MÉLO, C. S; IVASHITA, S. B.; RODRIGUES, E. O desaparecimento da Infância. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.35, p. 311-316, set. 2009.

OLIVEIRA, Terezinha. **Luzes sobre a Idade Média**. Maringá: EDUEM, 2002.

PEREIRA, Maria Eliza Mazzilli; GIOIA, Sílvia Catarina. Do feudalismo ao capitalismo: uma longa transição. In: ANDERY, Maria Amália. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. 8. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; São Paulo: EDUC, 1999.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

ROTTERDAM, E. **De Pueris** (Dos Meninos); A Civilidade Pueril. Tradução, Introdução e Notas de Luiz Feracine. 2. ed. São Paulo: Escala, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. São Paulo: Autores Associados, 1992.

Title

Childhood and History: the child in modernity and contemporaneity.

Abstract

This text brings a discussion about the childhood explaining how the child seen was in History characterizing the appearance of the childhood, through the postulates of scholars as Philippe Ariès (1914-1984) and Neil Postman (1931/2003), to its current disappearance, according to this author. The aim in the study is to show that the childhood is a history construction that emerged in the XVII century, consolidating after the Modern Age until the XIX century and is disappearing in the contemporaneity. Thus, the study rescues the historic context to a better comprehension of the childhood in each period, in the previous mention author's view, through the creator of the kindergarten Friedrich Froebel (1782/1852), when the conception of childhood consolidated is in the XIX century. The bibliography review with a critic focus used was as a methodology. Postman (1999) doesn't give any solutions to the childhood disappearing problem in the contemporaneity, although he does an interesting study at reasons which the childhood are being repressed, reasons that are presented and discussed during this study.

Keywords

History; Childhood; Education.

Recebido em: 23/01/2019.

Aceito em: 18/03/2019.